

Antes que a Chuva Chegue

O maior problema dos fenômenos ecológicos é que eles nunca chegam à opinião pública antes do desastre. E a razão é simples: previsão não é notícia. Mas a tsunami é. Pena que tantas pessoas tivessem morrido, tantos bens tivessem sido destruídos, para o fato chegar às televisões e jornais. As mudanças climáticas, por exemplo, deveriam ser tratadas como ameaça à segurança e a prosperidade nacional. Quem diz isto não é nenhum hippie dos anos sessenta, é o representante especial do Ministério de Relações Exteriores do Reino Unido, e professor do Imperial College London, John Aston.

E o pior é que não é possível usar a força militar de nenhum país do planeta para reduzir as emissões de carbono e a ameaça que elas representam. Nenhuma máquina de guerra pode deter o avanço dos furacões, o aumento dos oceanos ou os degelos glaciais. Ao contrário, será necessário construir e mobilizar coalizões de mútuo interesse entre diferentes países para transformar o modo como nós produzimos e construímos energia, para manter rodando centenas de milhões de automóveis, turbinas e motores.

Vejamos o que as cidades em geral tem a ver com as mudanças climáticas. Em 28 de agosto de 2005, New Orleans era uma cidade turística, festiva, próspera, e relativamente harmoniosa. No dia seguinte a maioria da sua população não tinha água, energia elétrica, comida ou serviços médicos. Em menos de uma semana os criminosos ocuparam as ruas, as tensões políticas e raciais ocuparam o noticiário. Nos meses seguintes, as cidades vizinhas foram inundadas por refugiados. Até hoje New Orleans não conseguiu se recuperar. O furacão Katrina atingiu a cidade de forma brutal. Nem mesmo a mais poderosa nação

do mundo pôde conter a força da natureza.

Mas a questão não é apenas militar, ela é também econômica, e como a economia é global, ela atinge a todos indistintamente. A prosperidade também é ameaçada. Por exemplo, todo o mundo sofreu os efeitos da diminuição do petróleo no sul dos Estados Unidos, da mesma maneira como sofrerá os efeitos de qualquer catástrofe na China e a economia chinesa é a mais vulnerável a uma mudança climática. Por um lado as águas inundam e destroem, por outro escasseiam. Mesmo no Brasil, o país com a maior riqueza hidráulica, pensar em transpor águas do Rio São Francisco é uma política de cobertor curto: para cobrir os pés é preciso descobrir a cabeça.

Mas, o que é que a cidade do Rio de Janeiro tem a ver com isso? Vejam as famosas chuvas de verão em nossa região. Qual tem sido o custo para a cidade? Só o programa de reconstrução no final da década de 80 custou ao contribuinte mais de 300 milhões de dólares financiados pelo Banco Mundial. Na década de 60 o estrago foi ainda maior, e as pessoas com mais de 50 anos lembram da queda de um prédio inteiro nas Laranjeiras. Estas são as chamadas chuvas vintenárias, que ocorrem aleatoriamente dentro de um período médio de 20 anos. Como será a próxima? Já imaginaram o risco para as precárias construções nas favelas cariocas?

A questão ecológica não pode ser mais discutida como questão alternativa. Ela é hoje tema de conhecimento científico e de políticas públicas. A manchete hoje é a prevenção, antes que o fenômeno ecológico vire desastre.